

A FORMAÇÃO DA EQUIPE

Edivaldo Ferreira/AE—30/12/94

Na reunião do Ministério, dias 7 e 8, Fernando Henrique limitará a autonomia da equipe

MARTA SALOMON

BRASÍLIA — O presidente Fernando Henrique Cardoso reserva um recado à sua equipe na primeira reunião do Ministério, marcada para dias 7 e 8. Decidido a manter o governo sob rigoroso controle, o presidente dirá que ninguém na sala terá autonomia para fazer o que bem entende nos cargos. A palavra final será sempre a dele. O recado — um sinal para o futuro — servirá também para explicar a operação desenrolada durante mais de um mês de montagem do governo e que manteve o eixo de poder na Esplanada: Fernando Henrique Cardoso concentrou um pequeno grupo de pessoas com gabinetes bem próximos ao seu, nos dois andares mais altos do Palácio do Planalto.

“Vamos ter um presidente com apetite enorme pelo poder”, resume um dos raros interlocutores de Fernando Henrique na montagem da equipe de governo. Para fazer valer as ordens, o presidente contará com uma dupla implacável de operadores superdiscretos e sem status de ministro: o secretário-geral e braço direito Eduardo Jorge Caldas e o chefe do Gabinete Civil, Clóvis Carvalho, já apelidado por Fernando Henrique de seu “segundo”. Caberá a Carvalho empregar modernas técnicas de gerenciamento empresarial, que encantaram Fernando Henrique, para cobrar eficiência da máquina e o rápido cumprimento, pelos ministros, das orientações do presidente.

Embora já tivesse se aproximado de Fernando Henrique Cardoso na passagem do presidente pelo Ministério da Fazenda, Carvalho entrou para o seleto time palaciano com um empurrãozinho de outro integrante do tal núcleo de poder: José Serra. O superministro do Planejamento é uma espécie de padrinho do chefe do Gabinete Civil, a ponto de ter tentado fazê-lo ministro da Fazenda quando se viu excluído do páreo. Amigos comuns atestam que Serra tem “total ascendência” sobre Clóvis Carvalho, que passou a contar também com a integral confiança do presidente.

Paulada — Sem esquecer as críticas feitas por Serra aos rumos do plano econômico, logo no início do real, Fernando Henrique não hesitou em colocá-lo no centro das decisões do governo. Ao contrário, fez questão de tê-lo na equipe, comprometido e integrado ao projeto político de um grupo de antigos amigos do PSDB. Deixou-o encarregado de resolver duas das ameaças contra o real: o problemático Orçamento da União e o polêmico ajuste fiscal. “Vai ser uma paulada”, prevê um amigo da dupla, que torceu pelo desfecho, apesar do ônus de deslocar o dedicado Paulo Renato Souza, coordenador da equipe de transição e provável ministro do Planejamento, para o Ministério da Educação.

Fora do prédio do Planalto, mas dentro do núcleo de poder, está o sócio e amigo Sérgio Motta. Outro obstinado por trabalho, como os demais integrantes do grupo mais próximo a Fernando Henrique. Nomeado ministro das Comunicações, Motta mantém canais abertos e antenas ligadas ao Planalto. “Se este projeto não der certo, me mudo para a Bessarábia”, desafia. “Estamos todos no mesmo barco.”

Depois de administrar uma discreta disputa interna por poder entre os mais próximos, desde a campanha eleitoral até a posse, Fernando Henrique não duvida que será capaz de conter choques na cúpula de sua equipe, principalmente entre José Serra e o novo ministro da Fazenda, Pedro Malan. A arma de que o presidente dispõe e não hesitará em usar é a de não ceder nem um milímetro no comando do governo. “Ele é muito mais maquiavélico do que se imagina”, previne um de seus assessores mais próximos, reforçando o recado que o próprio Fernando Henrique dará à equipe no próximo final de semana: “Quem manda no governo é o presidente.”



FH no gabinete do Alvorada onde comandou a transição: liberdade de decisão restrita, controle e gerenciamento do poder a partir do Planalto